

tindo-lhe os pés? Trechos do romance de Briussov são retirados dos autos do julgamento da Irmã Maria Renata von Mossau, que foi torturada, degolada e queimada em 1749 perto de Würzburg. Suas confissões contêm os detalhes sexuais lúgubres de sempre — até mais do que a média —, de modo que Briussov tinha motivos para ressaltar tanto os aspectos sexuais do caso.

O belo Capítulo VII do romance fala da visita de Rupprecht a Bonn, para ver Cornélio Agrippa. Nesse caso, não se duvida da autenticidade do material, e é interessante observar que Agrippa considera a magia um absurdo pueril, insistindo que a filosofia e a contemplação mística são mais importantes. Quando publicou seu *Occult Philosophy*, considerava-o uma obra imatura.

De volta a Colônia, Renata finalmente se deixa possuir por Rupprecht, mas é uma noite muito desagradável. Ela se apresenta febril e insaciável, obviamente pensando em outra pessoa o tempo todo. Briussov chafurda no masoquismo do herói.

Depois disso, Renata convence Rupprecht a desafiar o Conde Heinrich para um duelo — ele finalmente aparecera em Colônia. Rupprecht concorda, embora não queira, e começa a compreender que Renata não é a moça inocente que imagina. Ela seduzira o Conde Heinrich, que era rosacruz e casto, levando-o depois à prática da magia negra. Agora ele a odeia. Assim que Rupprecht força Heinrich a concordar com o duelo, Renata muda de idéia e faz Rupprecht prometer que não o ferirá. A conseqüência inevitável é que Rupprecht sai gravemente ferido do embate e Renata tem de cuidar dele até que fique bom novamente. A seguir ela aparece curada de sua obsessão por Heinrich e se entrega a Rupprecht, resolvendo então que tem de tornar-se santa. Deixa-o, pois, outra vez, partindo para um convento.

Vários capítulos do livro são dedicados a um encontro entre Rupprecht e Dr. Fausto (com Mefistófeles, naturalmente). Por fim, Rupprecht encontra o convento onde se refugiara Renata. Os demônios mais uma vez se haviam apossado de seu corpo, e todas as freiras têm convulsões. Ela é presa pelo arcebispo de Trier e submetida à tortura. Finalmente morre nos braços de Rupprecht, antes de ser conduzida à fogueira. Prokoviev transformou o trecho das freiras possuídas na cena mais eletrizante de toda a ópera.

O que torna o romance tão formidável é o fato de Briussov ter procurado compreender o que realmente ocorreu durante a “caça às bruxas”. Renata é histérica e movida por um impulso sexual, mas além disso sabia o nome de Rupprecht assim que o viu pela primeira vez. Ela possui determinados poderes ocultos. Mas o Conde Heinrich certamente não é Madiel, o anjo de fogo, e toda a busca é inútil. O livro trata de pessoas sugadas pelo turbilhão de suas próprias fantasias, e cujas fantasias têm um quê de estranha realidade por causa das forças subconscientes que se desencadeiam. Para um escritor da era pré-freudiana (o livro foi publicado em 1907) chega a ser um *tour de force* notavelmente convincente, a respeito da psicologia do anormal. Sendo poeta, Briussov possuía alguma idéia da estranha verdade das bruxas: a verdade de

que os poderes da mente são bem maiores do que imaginamos, e de que podemos ser liberados através de símbolos. Seria coincidência que “Mestre Leonardo” usasse uma coroa que emite brilho lunar — da mesma lua-Deusa Branca que é símbolo dos poderes existentes por trás da personalidade cotidiana?

Há uma história contada pelo escritor japonês Akutagawa que trata com clareza do argumento apresentado ao longo de todo este livro. Chama-se *O Dragão*. Um padre quer vingar-se de um certo mosteiro porque os monges estão sempre a rir de seu nariz vermelho. Assim, num lago próximo ao mosteiro, coloca uma tabuleta onde se lê: “No dia 3 de março um dragão emergirá das águas deste lago”. Com isso, consegue o efeito esperado. A notícia se espalha, e no dia 3 de março verdadeiras multidões dirigem-se para as margens do lago. Os monges ficam profundamente constrangidos, pois sabem que, não aparecendo dragão algum, de certa forma serão considerados culpados. Com o passar das horas, a multidão já ocupa quilômetros do espaço ao redor do lago e o padre começa a se arrepender da brincadeira. Gradualmente ele se deixa afetar pela atmosfera de intensa expectativa e, quando vê, também está fitando ansioso a calma superfície das águas. Nesse ponto, subitamente aparecem nuvens no céu e desaba uma terrível tempestade. Em meio a raios e trovões, a forma enegrecida de um dragão sai voando de dentro d’água e sobe em direção ao céu. Todo mundo vê.

Mais tarde, quando o padre confessa ter sido o autor do aviso, ninguém acredita.

O trecho mais importante da história é o que fala da expectativa tensa e ansiosa da multidão, que afeta até mesmo o padre autor do aviso na tabuleta. Ele sabe que não existem dragões. No entanto, a pressão telepática exercida por milhares de crentes finalmente compele seus próprios instintos a entrarem na mesma sintonia. O padre não teve de se dividir para que isso ocorresse. A pressão espiritual é como as rítmicas batidas de pés que racharam os muros de Jericó. A princípio, formam-se nuvens a partir de um céu azul. Depois vem a tempestade, símbolo visível da liberação de tensões — algo está prestes a acontecer. Seria absolutamente falso supor que o dragão é fruto de uma alucinação em massa. Trata-se de uma projeção em massa, uma espontânea manifestação das forças do inconsciente. Como toda magia.

O poder de “fazer as coisas acontecerem” por força da telepatia de massa é conhecido da maioria dos povos primitivos. O falecido Negley Farson contou-me em várias ocasiões que vira um feiticeiro liberiano fazer chover quando o céu estava límpido.

Meu vizinho Martin Delany, cujos curiosos poderes de adivinhação tive oportunidade de descrever no apêndice a *Rasputin*, de minha autoria, fala de um acontecimento igualmente estranho. O feiticeiro de uma aldeia nigeriana garantiu certa vez que a chuva torrencial, que já durava algumas semanas, seria interrompida durante duas horas para a festa que um regimento havia preparado em homenagem ao estado-maior. A chuva parou imediatamente antes do